

Proposição artística: *Compatriota 066*, Grupo Tibanaré (MT)

Crítica em processo

Por Raphael Vianna

A emergência da reflexão sobre o lugar do espectador no teatro já tem uma longa estrada. Em seus primórdios, desde a institucionalização do teatro na Grécia, existe a preocupação com este que ocupa um lugar para ver o evento teatral.

A cena contemporânea apenas leva ao extremo essa questão dado seu modo plural imanente e a constante necessidade de ressignificar seus estatutos.

O abismo historicamente constituído entre palco e plateia ganha novos contornos a partir dos anseios de artistas que propõem afetar o espectador em outros registros e sob variadas formas. Existe até quem argumente hoje sobre uma possível “dramaturgia do espectador”, onde este não é mais um *voyeur* diante da cena, mas um partícipe ativo na e da cena, peça fundamental para a realização do espetáculo.

Neste quesito *Compatriota 066*, do grupo Tibanaré (MT), apresentado na programação mostra de processos, da Aldeia Guaná 2016, propõe interessantes dispositivos cênicos para ativar e ao mesmo tempo controlar a participação dos espectadores durante a cena. O movimento de vestir o público com uma túnica branca antes da entrada no teatro denota essa preocupação. As ações articuladas previamente com este público, ainda na parte externa do teatro, preparam e instigam a participação do mesmo para a composição do espetáculo a seguir. A entrada pelo fundo do teatro, causa uma inversão do procedimento comum, criando certa expectativa. Na primeira câmara, onde se encontra o camarim, o público é recebido pelo próprio elenco vestido com a mesma túnica branca, causando uma boa confusão entre o elenco e os espectadores. Após esse intermezzo, se chega ao espaço cênico onde um ator recebe o público-compatriota com uma garrafa de cachaça, a qual compartilha.

O que se segue são explanações, reflexões e lamúrias deste ator-compatriota frente a assembleia formada pelo público-compatriota. Neste momento, a confusão anterior despertada pela interação do elenco com público se dissipa, dando lugar a uma separação bem marcada entre cena e plateia.

Alguns dos recursos combinados no lado externo do teatro são ativados em cena como: filmagem em tempo real com celular, música, textos recortados em papel e a participação de pessoas diretamente na cena. No entanto, a tentativa em estabelecer modos de contato com esse público a todo o momento ganha mais relevo do que os demais fatores constituintes do espetáculo, como a dramaturgia e a atuação.

Apesar do seu caráter interativo e a intenção de colocar os espectadores em uma situação de submissão aos comandos durante a cena, por vezes tem-se a impressão de que esta proposta não fica bem clara, tornando o público mais um executor de tarefas do que elemento compositivo para a dramaturgia. Os dispositivos cênicos, apesar de serem dinâmicos e criativos, não dão conta de atar essa interatividade com o acontecimento teatral. A proposta de questionar a opressão social a partir da opressão dos espectadores durante o espetáculo parece não criar o devido contraste para que a crítica proposta pela encenação tenha relevo e seja mais contundente.

De modo geral, a investigação sobre as relações entre palco e plateia, ficção e realidade, arte e vida são sempre de extrema relevância, menos pelo sentido de demarcar extremidades, mas como afirmação do teatro enquanto campo limítrofe da experiência humana.

*- Texto escrito em oficina de crítica no âmbito do projeto Cena em Questão, no Sesc Arsenal (Cuiabá-MT), a partir da programação da Aldeia Guaná, no período de 13 a 17/9/2016.*